

# **OFICINA DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS**

**Alexandre Romero Augusto**  
**aleromero@csn.com.br**  
**UniFOA**

**Ronaldo Figueiró Portella Pereira**  
**ronaldofigueiro@gmail.com**  
**UniFOA e UESO**

**Rosana Ravaglia**  
**rosana.ravaglia@aedb.br**  
**AEDB e UniFOA**

**Resumo:** O Brasil, apesar de ser uma das maiores economias do mundo, possui uma das piores distribuições de renda, o que tem levado milhares de pessoas a buscarem a sobrevivência nas ruas através da catação de recicláveis. Tal atividade, além da exposição dos catadores aos riscos de acidentes, é vista negativamente pela sociedade, em geral, por ser realizada de forma desorganizada. Por outro lado, ao se organizarem através de cooperativas ou associações de catadores, tais trabalhadores podem se tornar parceiros de programas institucionais de coleta seletiva e mudar este perfil estigmatizado. Este trabalho tem como objetivo geral promover a formação continuada em Educação Ambiental, visando a segurança e saúde do trabalho da cooperativa de catadores de reciclagem no CRL/VR – Centro de Recebimento de Lixo no município de Volta Redonda – RJ. A metodologia empregada será fundamentada na coleta de informações pré-existentes no local com revisão bibliográfica, histórico do cooperativismo no Brasil, investigação na cooperativa e investigação. Na oficina HAD (Hoje, Amanhã e Depois) os participantes são levados a pensar fora dos condicionantes comuns, diagnosticando os seus desejos e as suas queixas em processo coletivo. Diante da problemática encontrada foram propostas uma série de melhorias e alguns programas para conscientização sobre acidentes, saúde e meio ambiente.

**Palavras Chave:** cooperativas - reciclagem - catadores - educação ambiental -

## 1. INTRODUÇÃO

O contexto social no Brasil, que possui uma das piores distribuições de renda do mundo, tem levado um número cada vez maior de pessoas como alternativa a sobrevivência através da coleta de materiais recicláveis no lixo domiciliar, em instituições fabris, comércio etc.

Tal atividade, além da exposição dos catadores aos riscos de acidentes, é vista negativamente pela sociedade, em geral, por ser realizada de forma desorganizada, utilizando-se as ruas e terrenos baldios para segregar e armazenar o material, dificultando o trabalho do serviço público de limpeza. Por outro lado, ao se organizarem através de cooperativas ou associações de catadores, tais trabalhadores podem se tornar parceiros de programas institucionais de coleta seletiva e mudar este perfil estigmatizado.

A importância do surgimento destes tipos de cooperativas e o acompanhamento de sua gestão por parte da iniciativa pública e privada em seus métodos de trabalhos possibilitam a geração de emprego e renda, resgate da cidadania dos catadores e a redução de despesas com programas de coleta seletiva nas instituições. Além disso, as cooperativas otimizam a organização do trabalho dos catadores nas ruas, evitando os problemas na coleta do lixo, como o armazenamento de materiais recicláveis em logradouros públicos, redução de despesas com coleta e a transferência e disposição final de resíduos separados.

No contexto, a base conceitual da Educação Ambiental tem sido muito abordada em paralelo à sua prática pelos próprios educadores ambientais, face ao caráter interdisciplinar da área. Para a construção do embasamento teórico a fim de compreender os problemas ambientais, a Educação Ambiental Crítica deve ser instrumentalizada em bases pedagógicas, por ser uma dimensão da educação, além de lutar pela transformação das pessoas e dos grupos sociais.

Os catadores vivem em contato direto com os resíduos, tornando-os permanentemente sujeitos a acidentes com cacos de vidro, pregos, latas abertas ou até enferrujadas e frascos de aerossol, não esquecendo o risco à saúde, em decorrência do contato com materiais contaminados descartados por hospitais ou pessoas doentes. Dessa forma ressalta a importância da inserção de uma metodologia baseada na gestão de segurança e saúde ocupacional.

Nesse contexto, a pesquisa proposta pelo presente trabalho pretende responder ao questionamento: Como avaliar o comportamento dos catadores de materiais recicláveis mediante a exposição dos eventos relacionados a acidentes ocorridos pela falta de conhecimento relacionado a segurança no trabalho? A ação proposta contribui para orientação e conscientização destes profissionais na atuação da separação de materiais recicláveis?

Este trabalho tem como objetivo geral promover a formação continuada em Educação Ambiental, visando a segurança e saúde do trabalho da cooperativa de catadores de reciclagem, através da atividade de receber, separar, segregar e reciclar o lixo no CRL/VR – Centro de Recebimento de Lixo no município de Volta Redonda – RJ. O trabalho apresentado tem como objetivos específicos: Investigar os riscos ocupacionais do ambiente de trabalho da Cooperativa; Sensibilizar os catadores de materiais recicláveis sobre a importância do uso de EPI; Verificar a incidência de acidentes dos catadores nesta Cooperativa, bem como conhecer algumas características desta categoria, tais como nível de escolaridade, as condições de trabalho, higiene e os perigos enfrentados durante a realização de suas atividades; Fornecer solução prática através de “oficinas” com material de auxílio para conscientização e motivação.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentação teórica deste projeto, será abordada a Pedagogia crítica, dialógica e conscientizadora baseada em Paulo Freire, além da abordagem temática relativa ao tema.

A pedagogia proposta por Paulo Freire, também conhecida como pedagogia libertadora, consiste na educação voltada para a conscientização da opressão, que permitiria a consequente ação transformadora e parte da concepção de que o ato de conhecer não é uma doação do educador, mas um processo que se estabelece no contato do educando com o mundo vivido, lembrando que este se encontra em contínua transformação. Ainda mais, a relação entre educador e educandos e destes entre si é dialógica: e o diálogo, como sabemos, supõe troca, não imposição. Essa postura permite que o conhecimento adquirido seja crítico, porque autenticamente reflexivo, implicando o constante desvelamento da realidade para nela se posicionar.

Coerente com estes princípios, o método de alfabetização não se reduz a mera técnica, que o professor conheceria de antemão. Ao contrário, ele precisa do educando, para saber o que lhe interessa e o motiva. Por isso Freire recomenda o levantamento do universo vocabular dos grupos, a fim de escolher palavras geradoras, que certamente variam conforme o lugar.

“A alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para se alfabetizarem”. (FREIRE, 1971, p. 120).

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre se apresentou ao autor. A pessoa iletrada chega humilde e culpada, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um fazedor de cultura e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve à sua incompetência, mas à sua humanidade roubada.

O método de Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o indivíduo descobre que sua prática supõe um saber, conclui que, de certa maneira, conhecer é interferir na realidade. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Podendo permear com o estudo de EAC (Educação Ambiental Crítica) e autores como Guimarães, Layargues e Loureiro, além da abordagem temática relativa ao tema.

“A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos” (Guimarães, 2004)

De acordo com Guimarães (2004, p. 3) diz que a EAC. "(...) primeiro lugar, a desvelar esses embates presentes, para que numa compreensão (complexa) do real se instrumentalize os atores sociais para intervir nessa realidade".

Mas apenas o desvelamento não resulta automaticamente numa ação diferenciada, é necessária a práxis, em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão de mundo. Mas esse não é um processo individual, mas que o indivíduo vivencia na relação com o coletivo em um exercício de cidadania, na participação em movimentos

coletivos conjuntos de transformação da realidade socioambiental (GUIMARÃES, P.3, 2004).

A Educação Ambiental Crítica procura ampliar o olhar dos educandos e favorece a reflexão dos papéis sociais de todos envolvidos no processo da crise ambiental. O educando, através do olhar crítico é capaz de analisar quais são as causas das crises ambientais. Todavia, as pessoas necessitam de liberdade de pensar e que elas possam, após um primeiro contato interagir com os conhecimentos apreendidos, constituindo opiniões que se apropriem dos saberes necessários para uma existência social ativa e participante.

A partir desta concepção, percebemos que a Educação Ambiental Crítica tem como proposta a inserção no processo educativo, contribuindo numa mudança social, assumindo uma proposta de mudança cultural e política. Portanto, na educação formal, certamente esse processo educativo não ocorre somente dentro da Universidade, e sim em um processo de troca de experiências e saberes entre educadores e educandos, sociedade e estabeleçam um comportamento ecológico e ambiental consciente mediante a crise atual em que vivemos.

"A Educação Ambiental é uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que contemple as aspirações populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e um mundo ambientalmente sadio". (GUIMARÃES, 1995, p. 14-15).

Guimarães (2004) defende uma Educação Ambiental Crítica de acordo com a leitura crítica de Paulo Freire, subsidiada pela Teoria Crítica, embasado na compreensão de Educação Ambiental e a inserção desta no processo de transformação da realidade, por ele designada socioambiental. O autor apresenta em seu estudo o desenvolvimento de uma educação formal, que realize uma interface entre a Educação Ambiental e a Educação Popular, de forma a propor o desenvolvimento de uma ação pedagógica da Educação Ambiental Crítica através de projetos que se voltem para além das salas de aula.

De acordo com Loureiro (2004) trata-se de uma Educação Ambiental que se origina no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, especialmente dialéticas, em suas interfaces com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma para uma nova sociedade.

Loureiro sinaliza que a vertente transformadora da Educação Ambiental, no Brasil, está alicerçada, com relação às suas bases teóricas e metodológicas, na pedagogia de Paulo Freire. Assim, seu estudo tem o intuito de evidenciar as especificidades de uma Educação Ambiental Transformadora até se chegar às diferenciações, para fins didáticos, da Educação Ambiental Convencional, em um percurso que facilite a compreensão daquela, em seus pontos de distinção e semelhança com as demais vertentes tendo um novo patamar de compreensão do processo educativo o que permite aproximações com uma perspectiva Crítico-Transformadora da Educação Ambiental, ao prever mudança cultural e mudança social mediante processos coletivos pautados no diálogo, na problematização do mundo e na ação.

No contexto da construção de metodologias para a ação educativa ambiental e com base nas ideias de Layrargues (1999), ela advoga a favor dos temas ambientais como geradores da formação crítica, os quais devem ser tomados como ponto de partida para análises críticas da realidade "socioambiental", com vistas a superar o caráter informativo em busca de uma educação preocupada com a formação do sujeito ecológico.

A possibilidade de articular a metodologia da pesquisa-ação com a resolução de problemas ambientais locais permite evitar que o risco do

reduccionismo contamine a prática educativa, não se restringindo a mera resolução do problema abordado (LAYRARGUES, 1999, p. 08).

A educação ambiental que não desejamos, a educação ambiental conservadora, que por exemplo, ensina a realizar a separação dos tipos de lixo, como na coleta seletiva de lixo, mas não a entender a complexidade e a verdadeira origem dos problemas socioambientais.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa descreve os métodos e técnicas da pesquisa a serem aplicados na especificação dos sujeitos, população, amostra investigada e de material que será utilizado para o levantamento dos dados da pesquisa, instrumentos e procedimentos para coleta de dados (LOPES *et al.*, 2006).

Para realizar este estudo, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. A pesquisa consistiu em investigação em livros, artigos, teses e dissertações, e em leis e normas, que abordam os diversos pontos como Educação Ambiental Crítica, Reciclagem, Cooperativas de Trabalho, Segurança do Trabalho, Riscos e Normas Regulamentadoras, que ofereceu o suporte teórico científico para análise do presente estudo.

Esta metodologia possibilitou o aprofundamento da temática, aumentando a proximidade do pesquisador com o tema específico, e assim viabilizando o entendimento da relação dos diversos aspectos que compõem o tema.

Para abordar o tema deste estudo, buscou-se analisar contribuições teóricas já existentes sobre o tema e os seus conteúdos utilizados na pesquisa foram referenciados por meio de citações de seus autores.

A coleta de dados foi realizada, a partir da análise e seleção de contribuições teóricas de maior importância, publicadas em livros, artigos, teses e dissertações, e da análise e seleção de leis e normas.

Além disso foram realizadas várias visitas ao local de estudo o que possibilitou um entendimento do funcionamento da cooperativa e a caracterização dos cooperados, pois para que uma oficina seja realizada se faz necessário o conhecimento das pessoas que participarão das mesmas.

### **4. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DO ESTUDO**

O presente estudo será realizado em uma cooperativa onde serão utilizadas informações pré-existentes da cooperativa dos dados sociocultural, de acidentes e elaboração de estratégias educativas, registros fotográficos e entrevistas com os cooperativados.

A RECICLAR VR, se mantém basicamente do trabalho dos catadores que encontram como matéria prima, o chamado de “lixo” pela sociedade, a fonte de sobrevivência destes cidadãos. Ali são reunidas sobras de materiais de construção, pedaços de metais e madeiras, papéis, papelões, plásticos e sucatas em geral. Não tem um PEV(Ponto de Entrega Voluntário). Aqui cabe falar em entrega seletiva por muitas pessoas que residem na proximidade e até mesmo, pessoas de outros bairros da Cidade que conhecem ou já ouviram falar deste local e dos serviços executados pelos cooperados. Estas práticas, difundem o reaproveitamento destes materiais como forma de reduzir a retirada dos recursos naturais. Somente dois caminhões da prefeitura fazem alguns circuitos, recolhendo material reciclável em alguns bairros e estabelecimentos comerciais e municipais. Para ajudar o poder público em ampliar a coleta seletiva, a comunidade pode se reunir e adotar procedimentos nos prédios, nas ruas, nos bairros ou então, proceder à doação direta nas cooperativas.

O espaço físico da cooperativa apresenta algumas salas oriundas de uma antiga escola no qual serve para guardar os produtos, estadia de cooperados durante o serviço e funcionamento dos setores administrativos. Esse passa a ser um local onde se podem depositar materiais de que não se precisa mais, mas que poderão servir como moeda social. Sua reversão através do trabalho de todos os cooperados, rende na maioria das vezes, o salário do mês para cada um deles.

A contribuição destes autores e a concepção da Educação Ambiental Crítica colaboram para a construção e elaboração da oficina, que tem por objetivo a conscientização e identificação dos fatores críticos de segurança e saúde ocupacional na busca do aprofundamento das atividades, além da abordagem conceitual, foi utilizada a prática para desenvolver o conhecimento e transformação da realidade dos problemas socioambientais na cooperativa.

## **5. OFICINA**

Conforme o objetivo da presente pesquisa foi desenvolvido um programa de capacitação no gerenciamento de recicláveis no formato de uma Oficina com elaboração da Caixa dos Desejos, Varal de Queixas e Plano de Ação.

Na oficina denominada HAD (Hoje, Amanhã e Depois) os participantes são levados a pensar fora dos condicionantes comuns, diagnosticando os seus desejos e as suas queixas em processo coletivo. A oficina constitui uma forma de produção coletiva do conhecimento a partir do princípio de que todos têm a aprender e a ensinar, cada qual a sua maneira, e em conjunto devem encontrar os caminhos para enfrentar os desafios e buscar as soluções.

Esta dinâmica também reúne atividades para promover a reflexão, fomentar debates sobre diversos temas e contribuir para a organização das ideias de determinado grupo em torno da construção de projetos coletivos, transformando desejos em realidade.

Em suma, o método estimula a participação de todos os componentes do grupo e pretende:

- Visualizar os desejos de futuro de cada membro para o grupo;
- Apontar os problemas e dificuldades que afetam e preocupam o grupo;
- Reconhecer o que há de comum entre eles, na percepção de suas causas;
- Perceber os temas mais relevantes no seu contexto e as condições e alternativas que existem para trabalhá-los coletivamente;

As atividades utilizadas nesta metodologia foram a Caixa dos Desejos e o Varal de Queixas. O objetivo é organizar toda a formação a ser administrada a partir dos desejos e das reivindicações do grupo, auxiliando assim a cooperativa a sistematizar as demandas e transformá-las em metas, o que possibilita a construção de um plano de ação condizente com a realidade e assumido pelo grupo.

A Oficina HAD foi desenvolvida em três etapas: na primeira, confecciona-se a Caixa dos Desejos; na segunda, estende-se o Varal das Queixas; e, por fim, constrói-se o plano de ações, sistematizando as demandas dos cooperados e dividindo o trabalho entre eles.

### **5.1. 1.ª ETAPA: CAIXA DOS DESEJOS**

Corresponde aos objetivos que se pretende alcançar ao final de um período determinado. Nesta dinâmica partimos do pressuposto de que para se realizar algo de valor é preciso ter espaço para sonhar. Os cooperados utilizaram os seguintes materiais: tesoura, cola, papel de presente, fita crepe e uma caixa de sapato (retirada dos resíduos que recebem no galpão). Nesta etapa, vimos a manifestação voluntária de algumas mulheres para montar e

enfeitar a Caixa dos Desejos. Com isso, percebemos a interligação e a interdependência entre as diferentes pessoas da Cooperativa. Cada qual, com seus desejos e manifestações de alegria, descontração e atenção a oficina.

Na sequência, foram distribuídos pedaços retangulares de papéis para cada cooperado responder as seguintes perguntas: “Qual é o seu desejo para a Cooperativa?” e “Como você deseja que a Cooperativa esteja em um ano?”.

Neste momento, dissemos que cada um poderia dar mais de uma resposta. Com nossa ajuda, buscamos promover a reflexão e a transformação de desejos em palavras. Cada cooperado, escreveu seus desejos no pedaço de papel. Onde foi possível perceber a existência de alguns cooperados que não sabiam escrever. O que nos levou a ajudá-los na escrita e também, solicitarmos que algum outro colega o faça. Logo após, foi sugerido que cada cooperado lesse e explicasse seu desejo, ou mesmo que algum cooperado fizesse a leitura voluntariamente.

Depois que todos fizeram a leitura de seus desejos, analisamos em conjunto, se de fato, cada manifestação era um desejo coletivo da Cooperativa. Caso existisse algum com que o coletivo não se identificasse, a permanência dele na Caixa dos Desejos era negociada com todos. A negociação coletiva mostrou que existia muitos desejos parecidos entre os cooperados. Fizemos um agrupamento para facilitar a sistematização e para que o grupo pudesse perceber que, por serem sonhados juntos, esses desejos podem se tornar realidade. Após todos terem manifestados seus desejos escritos no pedaço de papel, foi solicitado, colocá-los dentro da Caixa dos Desejos.

Alguns exemplos de desejos que surgiram na Oficina Hoje, Amanhã e Depois aplicada na Cooperativa: necessidade de mais materiais para trabalharem, aumentar a renda, buscar mais parceiros, melhorar e organizar o espaço de trabalho, conseguir através de doações alguns mais equipamentos como: balança, prensa, esteira, armários, ferramentas e bags.

## 5.2 . 2.<sup>a</sup> ETAPA: VARAL DAS QUEIXAS

A segunda etapa corresponde ao momento de discussão dos desafios a serem alcançados. Queixar serve para desabafar e pensar nas dificuldades que a cooperativa terá de enfrentar para atingir seus desejos. Os papéis pendurados em forma de roupas como: calça, calcinha, cueca, gravata, saia, sutiã e toalha são distribuídos para cada cooperado responder as seguintes perguntas: Qual é a dificuldade para alcançar seu desejo na cooperativa?”. Ou ainda: O que impede que a cooperativa alcance o que você desejou para ela? Cada cooperado pode dar mais de uma resposta. Reclamar costuma ser mais fácil que desejar uma necessidade. Por isso, os cooperados tendem a desenvolver esta etapa mais facilmente, mas vale a mesma cautela para os auxiliá-los conforme descrita anteriormente, assessorando a expressão das dificuldades, assim como o ajudando àqueles que não escrevem. Após todos terem lamentado, o grupo “levanta” o Varal das Queixas, no qual cada cooperado fixa sua peça no varal, lado a lado.

Na sequência, todas as queixas, as quais também podem ser chamadas de desafios, são lidas e o grupo reflete coletivamente sobre elas. Nesse momento pode-se seguir o mesmo procedimento adotado para a Caixa dos Desejos (leitura realizada por nós como interlocutores, pelos cooperados ou por um cooperado voluntário).

Mais uma vez, a reflexão coletiva vai mostrar que há muitos desafios semelhantes. A ideia é agrupá-los para facilitar a sistematização, mas também para que os cooperados possam escolher quais desafios desejam ver resolvidos em primeiro lugar, em segundo, em terceiro, e assim por diante, listando-se, dessa forma, as prioridades da Cooperativa.

Alguns exemplos de desafios que surgiram nas Oficinas HAD aplicados em Cooperativas:

- a separação dos materiais recicláveis está ruim por falta de um maior espaço, não conseguem pagar o INSS - Instituto Nacional do Seguro Social,
- temos dificuldade em trabalhar de fato no Sistema Cooperativista,
- grande entra-e-sai (rotatividade) de cooperados,
- dificuldade de aproximação do poder público de nossa cidade.

Sabe-se que a realidade do trabalho de uma cooperativa de catadores é complexa e que muitos são os desafios para se construir um futuro melhor. Por outro lado, são esses desafios que dão mais motivação e deixam claro que somente em conjunto, com cooperação e solidariedade, será possível transformar a cooperativa. No dicionário, “oficina” significa “lugar onde se exerce um ofício (mini Aurélio 2006 p. 590)”, neste, ocorrem grandes transformações”.

### 5.3 – 3.<sup>a</sup> ETAPA: PLANO DE AÇÕES

A elaboração da terceira etapa, consiste no Plano de Ações que corresponde à sistematização das demandas e compromissos do grupo, ao estímulo à ação coletiva e construtiva e ao estabelecimento de ações futuras, com a definição de membros responsáveis e prazos de execução.

Ao término da “confeção” da Caixa dos Desejos, todos os desejos foram listados. Estes, por si só, já se caracterizam como objetivos ou melhor, metas. Ao término do “levantamento” do Varal das Queixas, os desafios foram listados e colocados em ordem de prioridades. O próximo passo é transformar esses desafios em metas.

É um exercício simples. Tomando-se como exemplo o desafio “não conseguimos pagar o INSS”, este pode ser transformado na meta: “todos os cooperados pagando o INSS”. Com uma lista única de metas, estas podem ser novamente colocadas em ordem de prioridade. É importante ressaltar que o objetivo da capacitação é trabalhar para que o grupo possa atingir todas as metas levantadas. As prioritárias são aquelas que serão trabalhadas primeiro ou com maior ênfase. Para cada meta será atribuída uma ou mais ações, bem como um ou mais responsáveis, e um prazo. Este é o Plano de Ações. É fundamental que este plano seja construído de forma totalmente participativa. Uma vez que os cooperados levantaram as metas, eles também serão os protagonistas na construção das ações a serem tomadas, bem como na escolha dos responsáveis e na definição dos prazos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cooperados têm saberes diferenciados acerca das atividades que requerem atitudes de segurança e educação ambiental. A maioria, apresenta certa dificuldade de assimilação e conscientização.

Por meio da Oficina, foi possível sensibilizar os cooperados para questões que dizem respeito ao comportamento humano referente a proteção individual e ações voltadas para o meio ambiente. Nossa intenção, é dar continuidade a esse trabalho com a realização de outros eventos como esse, para que a temática Segurança do Trabalho, Saúde e Educação Ambiental sejam estritamente debatidas e levada à formação do curso para agentes comunitários de materiais recicláveis, de maneira a contribuir para uma mudança efetiva de atitude e na forma de olhar o entorno, o meio ambiente, o local com que eles se relacionam, a água que consomem entre outras coisas que diuturnamente passam despercebidas por eles. Esperamos



que a proposta da oficina trabalhada durante a pesquisa possa servir de base para aqueles que estejam interessados em desenvolver um trabalho dessa natureza, melhorando ou aprimorando os métodos.

Durante a investigação deste trabalho, gostaria de ter intervindo nas realidades encontradas, principalmente nas observações em campo do estudo de caso na Cooperativa, mas isso implicaria uma pesquisa-ação, o que demandaria trabalho mais extenso e acredito que fugiria de uma investigação de mestrado. Essa ideia seria mais bem aproveitada em um doutorado, conforme orientações recebidas.

Este estudo, nos trouxe a preocupação com a inclusão da temática Segurança do Trabalho e Educação Ambiental no cotidiano dos catadores de materiais recicláveis, por ser tema de preocupação, para cuja efetivação todos precisam contribuir. Todos têm consciência que precisamos mudar nossos comportamentos para a garantia de um planeta melhor para nós e futuras gerações. Nesse sentido, acreditamos que nossa pesquisa proporcionou um auxílio válido. Além desta, nossa pesquisa permitiu mudar nosso modo de ser, favorecendo nosso crescimento humano, quando percebemos que, se nós mesmos podemos mudar, poderemos mudar o planeta.

De qualquer forma, a observação e interação dos cooperados com o ambiente social e o ambiente natural podem estar sendo estimuladas a partir de oficinas nas quais seus tutores podem construir ativamente as atividades pedagógicas. De acordo com o interesse dos cooperados, atividades de Educação Ambiental na rua podem estimular o “olhar para dentro” e o “olhar para fora” do local escolhido para as atividades, levando à compreensão do ambiente urbano e ao entendimento de suas relações com a natureza.

## 7. REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização: Revista Paz e Terra**, Rio de Janeiro, 1971 p. 120.
- GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papyrus (Coleção Papyrus Educação) 2004, 171 p.
- GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- LAYRARGUES, P.P. **O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental**. In: SOFFIATI, A.; 1999
- \_\_\_\_\_. **O cinismo da reciclagem in Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. Cortez Editora. 2002
- LOPES, G.T.; CLOS, A.C.; SANTIAGO, M.M.A. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos, Normas da ABNT**, Estilo Vancouver – Bioética. 1ª ed. Petrópolis, RJ: EPUB, 72 p., 2006.
- LOUREIRO, C. F. B. **A educação ambiental como prática social contextualizada**. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.) **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003. p. 8693.
- \_\_\_\_\_. **Educação Ambiental Transformadora**. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004 (p.65-84).
- \_\_\_\_\_. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo. Cortez, 2005, p. 179-219.